CLASSE TRABALHADORA GOVERNANDO TECNOLOGIAS



APRENDIZADOS COMPARTILHADOS ENTRE CONTEXTOS

CRÉDITOS

Autoria
Ashique Ali Thuppilikkat, Madison Mackley, Julia Parke, Daphne Idiz, Rafael Grohmann

Design gráfico e ilustrações
Isobel Woodiwiss

Comissão Organizadora
Rafael Grohmann (Universidade de Toronto)
Greig de Peuter (Wilfrid Laurier University)
Asmita Bhutani (York University)
Hannah Johnston (York University)
Vera Khovanskaya (Universidade de Toronto)
Ashique Ali Thuppilikkat (Universidade de Toronto)
Daphne Idiz (Universidade de Toronto)
Julia Parke (Universidade de Toronto)
Madison Mackley (Universidade de Toronto)

Financiamento
O workshop Workers Governing Technologies foi cofinanciado pelo Programa Connection do SSHRC, pela Universidade de Toronto Scarborough (UTSC), pelo projeto Creative Labour and Critical Futures (CLCF/UTSC), pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Disputas e Soberanias Informacionais (INCT-DSI), pelo Institute for Inclusive Economies and Sustainable Livelihoods (IIESL/UTSC), pelo Centre for Learning, Social Economy & Work do Ontario Institute for Studies in Education, Universidade de Toronto (CLSEW/OISE/UofT), pelo Knowledge Media Design Institute (KMDI/UofT) e pela Associação Data Privacy Brasil de Pesquisa.







SUMÁRIO

Boas-Vindas 3

Contribuições das Pessoas Participantes 5

Como Foi o Evento? 15

Galáxia 19

Recursos 21

Da Comissão Organizadora 22

Palavras Cruzadas 23

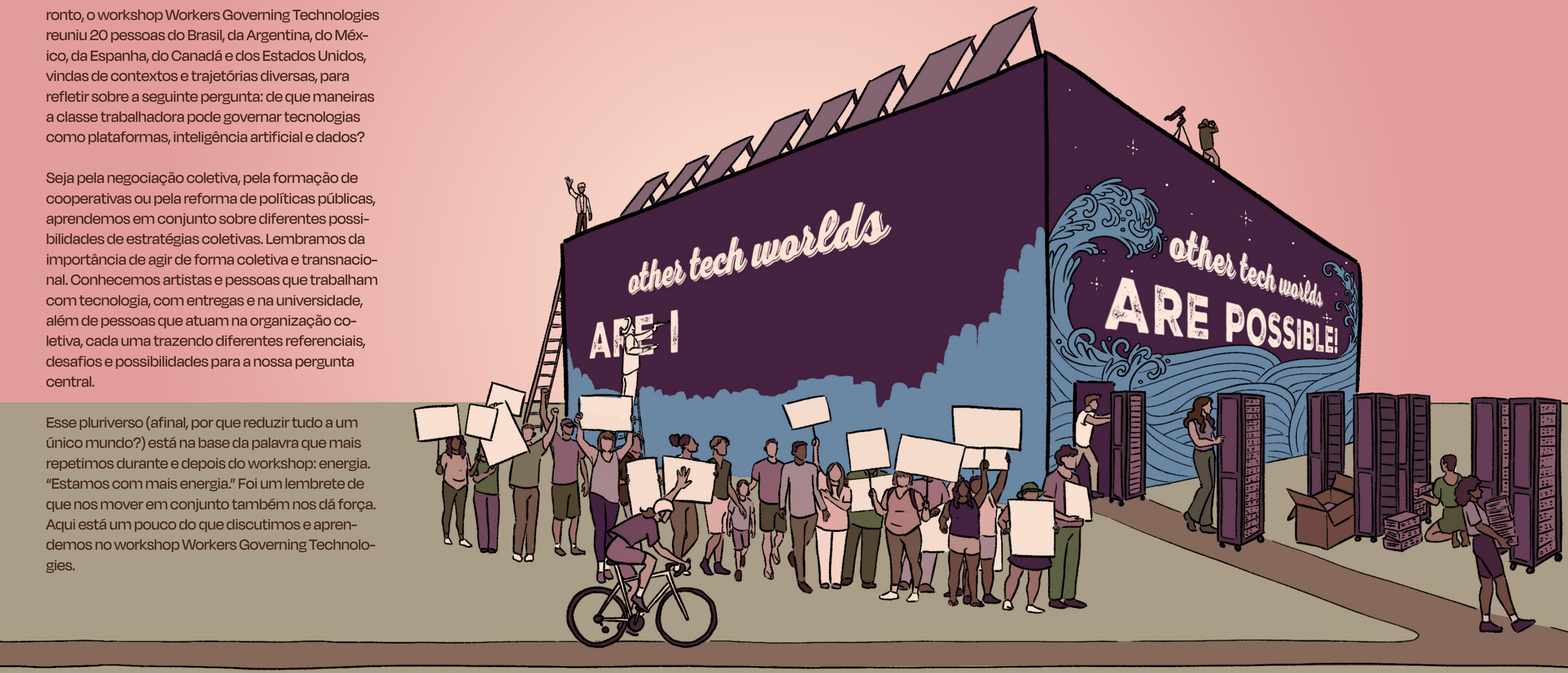


BOAS-VINDAS!

Durante dois dias do deslumbrante outono de Toronto, o workshop Workers Governing Technologies reuniu 20 pessoas do Brasil, da Argentina, do México, da Espanha, do Canadá e dos Estados Unidos, vindas de contextos e trajetórias diversas, para refletir sobre a seguinte pergunta: de que maneiras a classe trabalhadora pode governar tecnologias como plataformas, inteligência artificial e dados?

Seja pela negociação coletiva, pela formação de cooperativas ou pela reforma de políticas públicas, aprendemos em conjunto sobre diferentes possibilidades de estratégias coletivas. Lembramos da importância de agir de forma coletiva e transnacional. Conhecemos artistas e pessoas que trabalham com tecnologia, com entregas e na universidade, além de pessoas que atuam na organização coletiva, cada uma trazendo diferentes referenciais, desafios e possibilidades para a nossa pergunta central.

Esse pluriverso (afinal, por que reduzir tudo a um único mundo?) está na base da palavra que mais repetimos durante e depois do workshop: energia. "Estamos com mais energia." Foi um lembrete de que nos mover em conjunto também nos dá força. Aqui está um pouco do que discutimos e aprendemos no workshop Workers Governing Technologies.

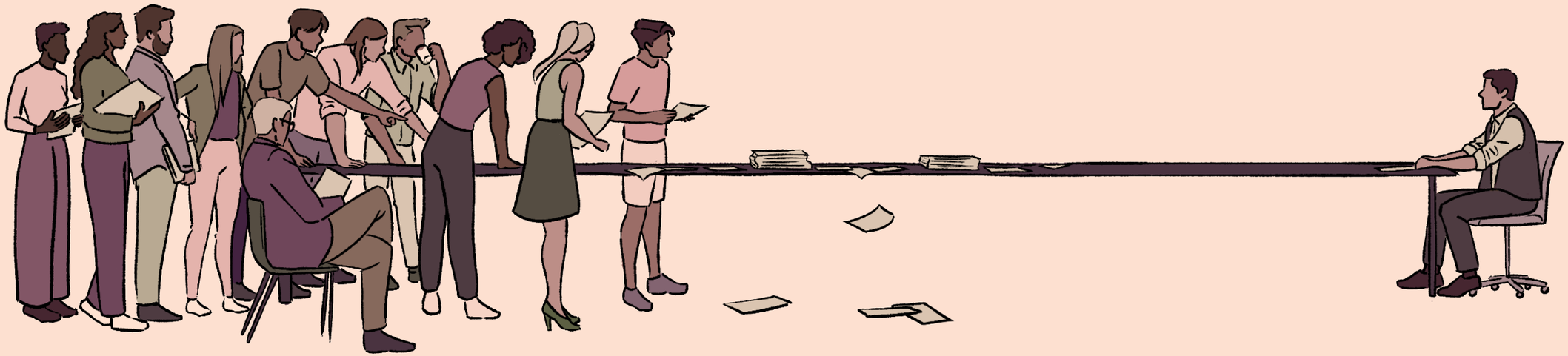




Katie Tibaldi
Writers Guild of America e WGA Strike Unite
"Muita coisa ficou comigo depois desse evento, mas "energia" é a primeira palavra que me vem à cabeça. As coisas estão muito difíceis no mundo agora, de muitas formas ao mesmo tempo, para a classe trabalhadora e certamente para a indústria do entretenimento: consolidações em massa, fusões, retrocessos em inclusão e equidade, IA, a luta por remuneração justa e por assistência à saúde, a própria existência e proteção dos sindicatos e a tomada de controle pelas corporações de tecnologia, só para citar alguns exemplos. Eventos como este nos lembram do que é possível quando trabalhamos em conjunto e usamos a criatividade para produzir as mudanças de que precisamos e que queremos ver acontecer no mundo inteiro."

Neal McDougall
Writers Guild of Canada
"A indústria editorial dos Estados Unidos é mais orientada pelo mercado do que a canadense. No Canadá, nossa indústria não existiria sem políticas de apoio à cultura. É um diálogo contínuo. Leva tempo para fazer o governo passar de "desinteressado" a "comprometido". Os próprios direitos de negociação coletiva dependem de políticas públicas. Os direitos que existem não existiriam sem a ação do governo. Para isso, precisamos entender a estrutura do setor e a estrutura da política cultural envolvida. Precisamos fazer a ponte entre roteiristas que querem avançar em suas carreiras e interesses e um governo que quer ajudar pessoas trabalhadoras e roteiristas nesse tipo de coisa."







Axel Gonzalez
Arte es Etica
"Se olharmos para onde os data centers são instalados no mundo, vemos uma profunda assimetria geográfica. Há territórios do chamado Terceiro Mundo que são sistematicamente escolhidos como zonas de sacrifício, porque o desenvolvimento dessa tecnologia exige recursos que os países do Primeiro Mundo não querem ou não podem gastar. Essas infraestruturas têm consequências não só para o nosso trabalho artístico, mas também para a forma como vivemos e para o tipo de vida de trabalho que se espera de parte de nós."

Roseli Figaro
Universidade de São Paulo
"As pessoas trabalhadoras têm o direito de acessar e entender o que acontece com seus dados de trabalho, para que possam se organizar melhor e buscar alternativas. O que e como podemos negociar com o capital quando as materialidades sensíveis do trabalho humano são a nova fronteira de espoliação e de criação de valor? Resistimos, mas estamos longe de ter algo realmente forte o bastante para combater os males do capitalismo."





Simon Prefontaine
Communication Workers of America Canada e Bethesda Game Studios Montreal
"Na indústria de software, o controle de qualidade (QA) costuma ser visto como uma área de baixa qualificação, mas, na verdade, não existe trabalho de baixa qualificação. A gerência queria muito dividir para conquistar. Ela resistiu à nossa campanha "One Table" porque sabe que a nossa força está na unidade além das fronteiras. Há um ditado que diz que a chefia é quem melhor nos organiza. Toda vez que estávamos perdendo o fôlego, a Microsoft fazia alguma coisa que reacendia o fogo, e por isso agradecemos muito."

Declan Ingham
Canadian Union of Public Employees
"A classe trabalhadora luta em torno da tecnologia desde o início, desde que os teares começaram a interromper o trabalho no interior da Inglaterra. Este não é um terreno novo: é uma luta de séculos. Os acordos coletivos têm um viés para o imediato, não para o futuro. Isso é sempre difícil quando se trata de tecnologia: como negociar uma ameaça futura quando, sabe, o que está na mesa agora é a economia do dia a dia, a de tentar sobreviver?"





Nuria Soto
Mensakas
"A Mensakas faz parte de um ecossistema que se estende nacional e internacionalmente. Integramos a CoopCycle, uma federação de mais de 50 cooperativas no mundo todo que compartilham o mesmo software de código aberto. A CoopCycle é mais do que uma ferramenta tecnológica. É uma federação, e seu software, lançado sob uma licença Coopyleft, pertence à própria federação. Também fazemos parte da Som Ecologística, uma cooperativa de segundo grau formada por mais de 11 cooperativas de logística por bicicleta na Catalunha, cerca de 80% das quais também integram a CoopCycle. A Mensakas foi criada principalmente em resposta às condições predominantes no nosso setor. Na Espanha, as plataformas convencionais cobram dos estabelecimentos comissões de 20% a 25%, o que reflete as tendências monopolistas que começaram a surgir com força por volta de 2015."

Austin Robey
Subvert
"Queremos criar uma plataforma que não pertença a meia dúzia de pessoas investidoras, mas a centenas de milhares ou milhões de pessoas usuárias. Assim, podemos demonstrar um modelo replicável que outras pessoas possam usar e aprimorar para criar empreendimentos de propriedade e controle coletivos. E uma economia em que o valor flua para quem o cria, e não apenas para quem investe."





David Ng
Seize the Means of Production
"Chego a este trabalho a partir de uma interseção específica, a da organização em torno da identidade queer racializada. Então, quando quisemos formar uma organização ou entidade para fazer esse trabalho, o modelo de cooperativa de trabalho sindicalizada foi o que mais se alinhou aos nossos valores. As cooperativas de trabalho sindicalizadas são uma estratégia dentro do movimento mais amplo da classe trabalhadora. E o movimento da classe trabalhadora é uma faceta das lutas de libertação interseccionais. Se a tecnologia agora é um meio de produção, como tomamos o controle dela?"

Victoria Hernandez
Factorial
"Identificamos uma lacuna dupla: acesso limitado a hardware e dispositivos e escassez de software acessível de gestão e planejamento que as cooperativas pudessem usar de forma clara e abrangente. Nosso objetivo é ajudar as cooperativas a cumprir suas obrigações fiscais e societárias, fortalecendo sua organização interna e, portanto, sua competitividade. As políticas públicas muitas vezes têm um viés normativo, porque analisam os problemas com base em modelos pensados por e para empresas capitalistas tradicionais. As economias populares funcionam de outro jeito."







Gabriel Simeone
Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)
"As manifestações públicas também têm sido uma excelente escola de organização e logística. Nossas ocupações do MTST não recebem nenhum apoio do Estado. Temos que gerenciar tudo por conta própria, da distribuição de água à criação de oportunidades de trabalho. É aí que entram as tecnologias do movimento. Também não podemos pedir sempre ao Estado que resolva nossos problemas. Trabalhamos para construir o poder popular, por meio de iniciativas autônomas e de soberania digital. Só vamos resolver de verdade nossos problemas quando formos capazes de controlar o nosso futuro. Esse é o nosso plano. A economia solidária digital é um passo nessa direção."

Jason Wiener
Stocksy United
"A Stocksy produz parte do acervo de banco de imagens mais vanguardista do planeta e usa o modelo cooperativo como diferencial junto ao público consumidor, a pequenas empresas, agências e grandes corporações. A cooperativa está construindo tecnologia que aumenta o valor premium do produto para continuar fidelizando a base de clientes. E tudo isso está a serviço econômico de artistas. Tudo. Ou seja, a tecnologia é construída por pessoas que são ao mesmo tempo trabalhadoras e proprietárias da cooperativa, para aumentar o valor e a renda que artistas efetivamente levam para casa."





Luca Zuñiga Brenes
ALT Cooperativa
"Em uma cooperativa, governar a tecnologia também significa governar tolerâncias de tempo e prioridades. Não existe um único senso comum. Cada pessoa vive de um jeito, com suas próprias necessidades, seus próprios ritmos, suas próprias crises. Na ALT, entendemos que toda ferramenta, até a menor delas, também é um ato político. Não se trata apenas de sobreviver na economia, mas de experimentar outro modelo possível de tecnologia, humano e sustentável em cada decisão."

Cecilia Muñoz Cancela
Federação Argentina de Cooperativas de Tecnologia (FACTTIC)
"Deveríamos repensar a cooperação como um tipo de tecnologia. A intercooperação nos ajuda a imaginar o tipo de projeto que realmente queremos fazer. Há alguns anos, colaboramos com iniciativas de cooperativismo de plataforma, unindo forças com a CoopCycle, e fizemos as adaptações técnicas para que a CoopCycle funcionasse na Argentina e em alguns países da América Latina. Projetos como esses não poderiam acontecer dentro de uma única cooperativa, por maior que ela seja. Intercooperação é compartilhar perspectivas e ideias, dividir o risco de fazer aquilo e construir o entusiasmo de fazer."

Krystal Kauffman
Distributed AI Research Institute (DAIR)
"Estou diante de vocês hoje como prova de que, se você der a uma pessoa trabalhadora as ferramentas para fazer pesquisa, ela vai usá-las e seguir adiante, fazendo outras coisas e incidência política. Estamos transformando quem luta em quem pesquisa e quem pesquisa em quem luta, para continuar fortalecendo as pessoas trabalhadoras na luta por um lugar à mesa e seguir influenciando as políticas públicas. Discord, Telegram e outros fóruns e redes sociais são usados pelas pessoas trabalhadoras para compartilhar informações, denunciar tarefas abusivas e quem as solicita e oferecer apoio mútuo. São espaços de governança de baixo para cima, onde as pessoas trabalhadoras criam coletivamente suas próprias normas, seus próprios alertas e seus próprios sistemas de responsabilização."



Colin Clark
Lichen
"A tecnologia está nos condicionando a confundir escala com impacto. Isso está embutido na própria concepção da plataforma como unidade de propriedade e de solidariedade. Podemos passar da noção de "plataforma" para a de "malha", uma noção de escala mais distribuída e horizontal? Podemos construir malhas de solidariedade? Formas de compartilhar tecnologia que envolvam compartilhar pedaços e partes, em vez de dizer: "Tome, use a minha grande plataforma". Em vez disso, de que maneiras podemos fazer pequenas conexões de API, compartilhar trechos de código, federar onde funciona e não federar quando não funciona?"

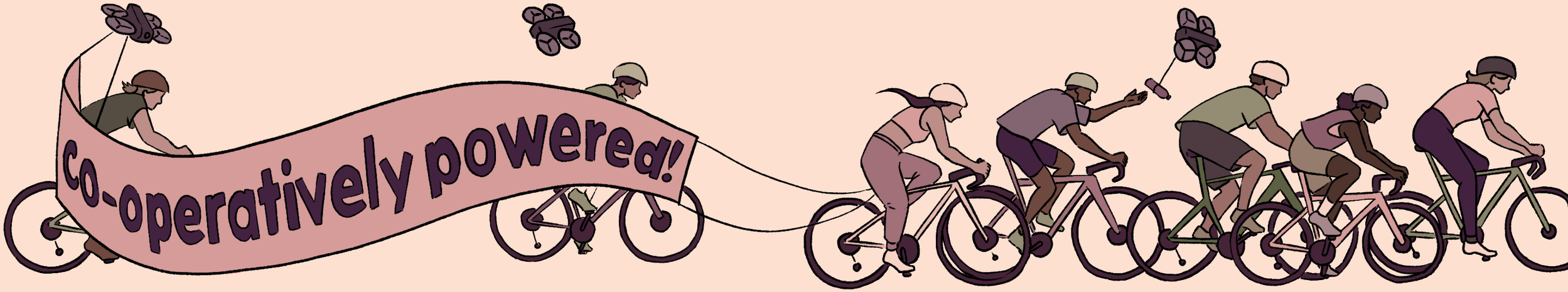




Clarissa Ribeiro Schinestsck
Ministério Público do Trabalho (MPT)
"As empresas adotam táticas de relações públicas, como o greenwashing, em seu discurso. Investem em marketing para apresentar uma proposta, mas, na prática, não cedem nada, não garantem nenhum direito e causam impacto ecológico negativo, deixando pobreza e destruição nas sociedades onde atuam. Mas o discurso é poderoso. Nenhum trabalho sem direitos de verdade, e essa história também é sobre você."

Juan Manuel Ottaviano
Universidad Nacional de San Martín (UNSAM)
"Governar a tecnologia no trabalho exige formas específicas e precisas de participação das pessoas trabalhadoras. Para desenhar essas formas, usamos regulações concretas que impedem usos arriscados ou mitigam riscos. Alguns exemplos: métricas de estimativa de produtividade para alcançar uma distribuição mais justa dos lucros; revisão humana (human-in-the-loop) para limitar sanções automatizadas; e o direito de recusar tarefas sem sofrer punição, para fortalecer as pessoas trabalhadoras na organização do trabalho. Também precisamos aumentar a capacidade computacional da classe trabalhadora para evitar a concentração de poder nas corporações."







Ricard Espelt
Universitat Oberta de Catalunya (UOC)
"Acho importante que estejamos tentando combater o capitalismo de plataforma ou gerar uma alternativa a ele. Mas, para além das ferramentas tecnológicas, também deveríamos olhar para o campo do conhecimento. O conhecimento aberto, incluindo as licenças Creative Commons, é vital, especialmente na pesquisa. A iniciativa não parte de um governo que acha que deveria ajudar o setor. Pelo contrário: o setor gera a própria autonomia, constrói as próprias redes, e só então o governo responde, replica ou oferece apoio."

Lucas Milanez
Universidade de São Paulo
"Para construir um futuro diferente, é preciso acreditar em um futuro diferente. A economia solidária digital não é exatamente algo novo, mas busca abrir novos horizontes a partir da história que parte de nós já está construindo. Trata-se de incentivar o desenvolvimento de políticas públicas e de iniciativas populares coletivas que funcionem sob princípios de autogestão e democracia interna, trabalho decente, propriedade dos dados e infraestrutura de software, combatendo desigualdades e fortalecendo economias locais."



COMO FOI O EVENTO?

Lições do Workshop Workers Governing Technologies

Ashique Ali Thuppilikkat

Em todo o mundo, a classe trabalhadora está se levantando e retomando o poder por meio da organização, mesmo com o Vale do Silício avançando com a IA generativa e com economias de plataforma que pagam mal, vigiam, esgotam e substituem a própria força de trabalho que constrói, treina e mantém esses sistemas. Mas as lutas da classe trabalhadora e seus esforços para governar tecnologias não são simples nem livres de contradições. Elas envolvem uma experimentação contínua com formas organizacionais e institucionais plurais, marcada por um processo permanente de aprender, desaprender e reaprender.

Nos dias 25 e 26 de setembro de 2025, a Universidade de Toronto sediou o workshop Workers Governing Technologies, que reuniu 20 pessoas trabalhadoras e representantes de coletivos da classe trabalhadora do Canadá, do Brasil, da Argentina, da Espanha, do México e dos Estados Unidos. Ao longo de três mesas-redondas, as pessoas participantes destacaram exemplos contemporâneos da classe trabalhadora governando tecnologias, de sindicatos, coletivos de base e cooperativas de plataforma a experiências de economia solidária digital enraizadas emtradições econômicas alternativas da Maioria Global, ao lado de casos da América do Norte e da Europa. O encontro reforçou uma ideia fundamental: as tecnologias não governam o trabalho sozinhas. Elas são moldadas por relações sociais, e essas relações podem ser reorganizadas por meio da luta coletiva.

Negociação Coletiva: IA Generativa, Mobilização e Organização

A sessão de abertura reuniu pessoas organizadoras, pesquisadoras e assessoras sindicais que enfrentam a IA generativa por meio da negociação coletiva e da ação de base. Suas contribuições mostraram que a luta em torno da IA generativa é, ao mesmo tempo, uma luta pela narrativa pública, pelos marcos legais e pelos corpos e ambientes que arcam com seus custos, e também pela construção da capacidade dos sindicatos não só de diagnosticar, mas também de fortalecer as pessoas trabalhadoras.

As pessoas debatedoras ressaltaram como a IA se tornou um terreno onde convergem as lutas por salário, estabilidade no emprego, autonomia criativa e o próprio direito de se organizar. O sucesso da greve de 148 dias de roteiristas de Hollywood em 2023, que conquistou proteções concretas contra a IA generativa, mostra a importância de uma estratégia de narrativa pública que humanize os custos reais da IA generativa e construa solidariedade dentro e além da linha de piquete. Da mesma forma, os esforços de negociação do Writers Guild of Canada e um movimento de sindicalização entre pessoas desenvolvedoras de jogos da América do Norte mostram a necessidade de pressionar os governos para que protejam as próprias condições que tornam a negociação possível. Por fim, o Canadian Union of Public Employees nos lembrou que já existem proteções contra o avanço da IA em cláusulas como procedimentos de demissão, direito à requalificação e direito de deslocamento por antiguidade (bumping rights).

Igualmente urgente foi a pergunta sobre de quem são os corpos e as terras que arcam com os custos materiais que tornam a IA generativa possível. Participantes da América Latina chamaram a atenção para as geografias de sacrifício da IA generativa: data centers que consomem até 20% do abastecimento de água de uma cidade mexicana, pessoas trabalhadoras de dados mal remuneradas treinando sistemas de IA em todo o Sul Global, demissões em massa na Argentina e no Brasil publicamente justificadas pela introdução da IA e a datificação sistemática dos saberes humanos corporificados por empresas de plataforma. A mesa questionou o discurso corporativo da IA como uma força inevitável da história, diagnosticando-o como uma narrativa fabricada para desmobilizar a classe trabalhadora, e defendeu que a resposta mais eficaz está em uma organização ofensiva, que conecte as lutas no local de trabalho a públicos mais amplos e a solidariedades mais extensas.

Formação de Cooperativas: Tecnologia, Plataformas e Produção

A segunda mesa-redonda explorou a inovação organizacional no movimento contemporâneo de cooperativismo de plataforma, examinando seus limites estruturais, as salvaguardas de design disponíveis, as experiências que vão além dele e os valores que sustentam suas forças.

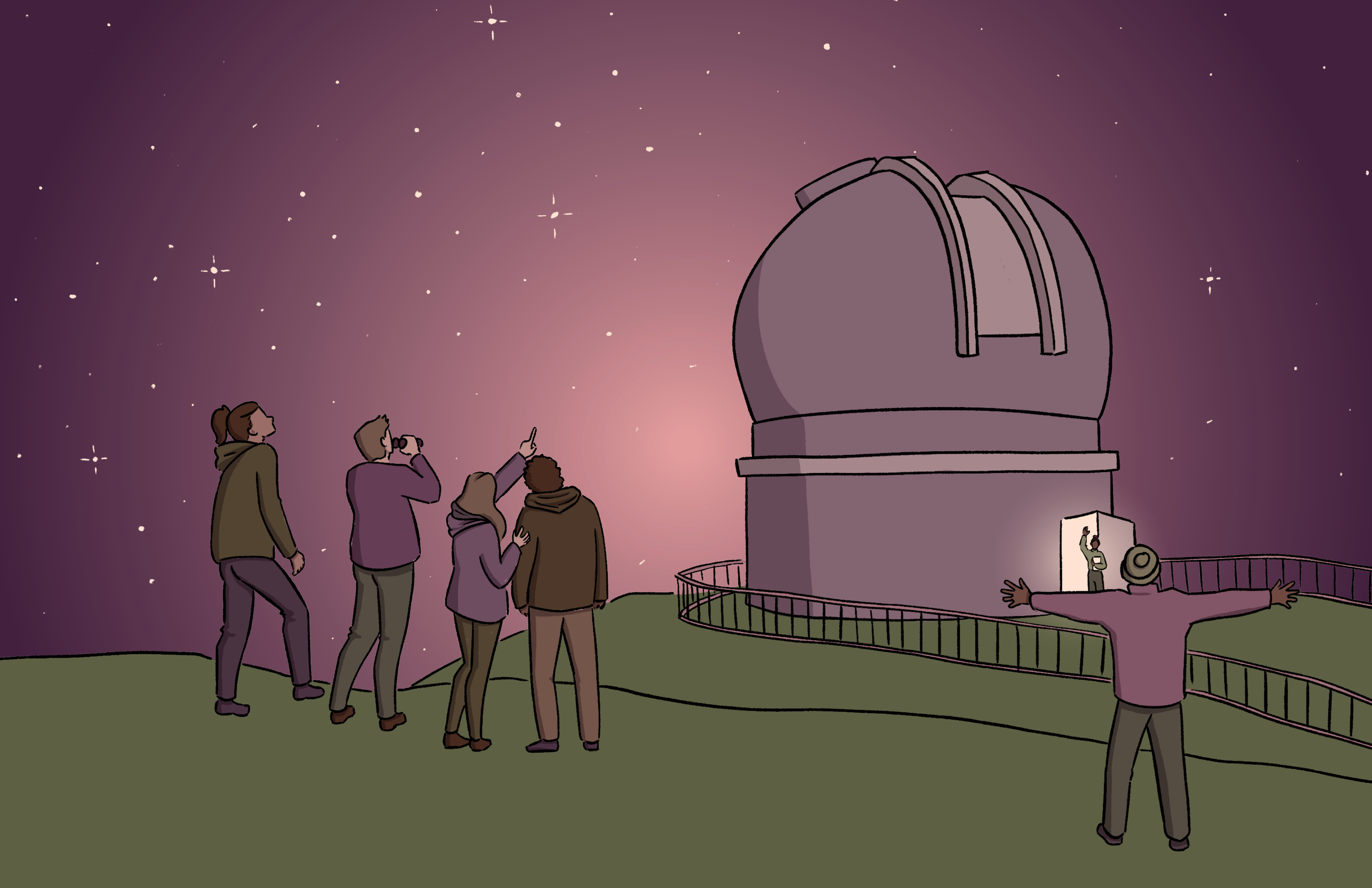
A experiência de cooperativas de plataforma como a Stocksy United mostrou que elas podem ter sucesso ao colocar a tecnologia a serviço da renda de artistas, e não do retorno de investimentos. No entanto, as pessoas debatedoras enfatizaram que a propriedade, por si só, não garante equidade, e que assimetrias de poder persistem em linhas de raça, gênero, classe e deficiência mesmo dentro de cooperativas governadas democraticamente. A sindicalização dentro das cooperativas de plataforma foi apontada como uma camada crucial de resolução de conflitos e de clareza política, como mostra o caso da Seize the Means of Production, uma cooperativa de trabalho sindicalizada em Vancouver. Ao mesmo tempo, a mesa levantou a preocupação de que o modelo de cooperativa de plataforma pode estar chegando a um limite estrutural na era da IA generativa, já que princípios fundamentais do cooperativismo de dados, como procedência, atribuição e direito ao esquecimento, se tornam cada vez mais difíceis de operacionalizar quando os dados são transformados em probabilidades ponderadas dentro de sistemas de IA. Isso abriu a discussão para formas alternativas, como malhas distribuídas de nós em intercooperação, em vez de plataformas centralizadas cada vez maiores.

As discussões também destacaram o descompasso estrutural entre as tecnologias existentes e as necessidades dos movimentos cooperativos e da economia popular. Integrantes da Factorial, uma cooperativa argentina que apoia empresas recuperadas pelas pessoas trabalhadoras, apontaram que os softwares de escritório convencionais, projetados para empresas tradicionais, muitas vezes continuam econômica e praticamente inacessíveis para a economia popular, o que deixa redes sociais como WhatsApp e Facebook como ferramentas organizacionais de fato. Além disso, a intercooperação surgiu como um princípio-chave de resiliência material, não só pelo compartilhamento de infraestruturas de software como a CoopCycle, mas também em momentos de crise. Quando um incêndio destruiu a sede da Mensakas, uma cooperativa de logística por bicicleta em Barcelona, em dezembro de 2024, a organização recuperou 90% de suas atividades em três dias graças à ajuda mútua de sua rede de solidariedade. A mesa também trouxe exemplos da Maioria Global. O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) construiu redes de Wi-Fi em malha, programas de letramento digital de base e um chatbot de WhatsApp que conecta pessoas trabalhadoras a serviços e empregos em São Paulo, mostrando que comunidades marginalizadas muitas vezes não esperam o Estado agir, mas constroem elas mesmas o poder popular.

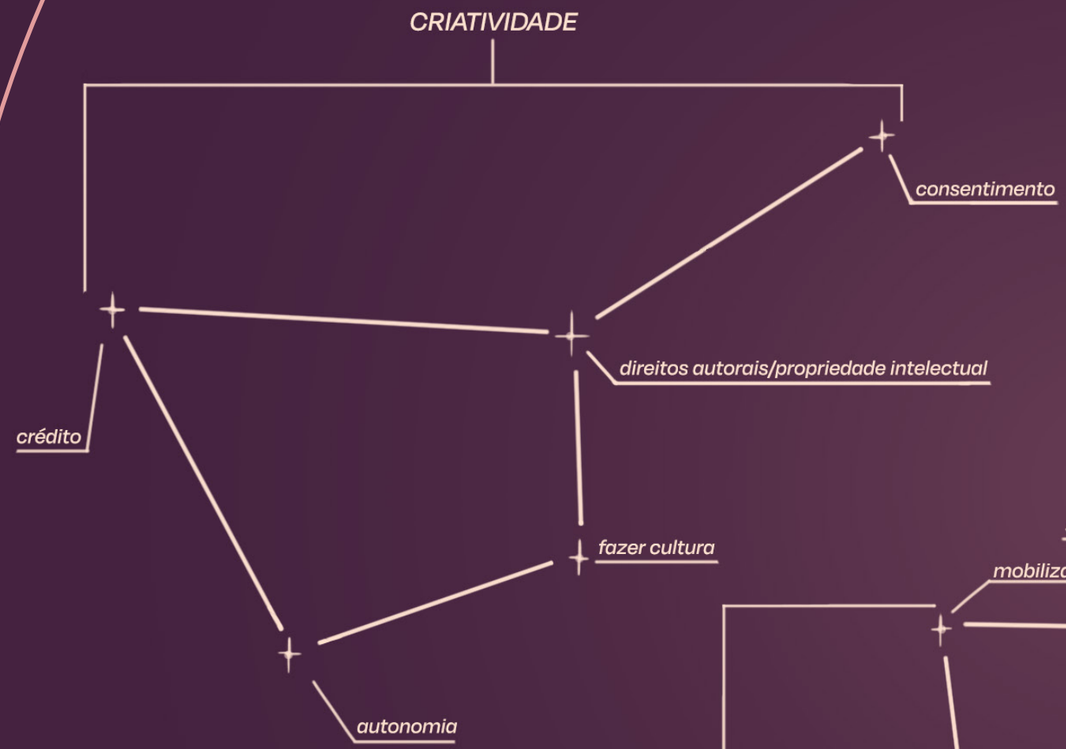
Reforma de Políticas: Regulação Trabalhista Responsiva Para a Economia Digital

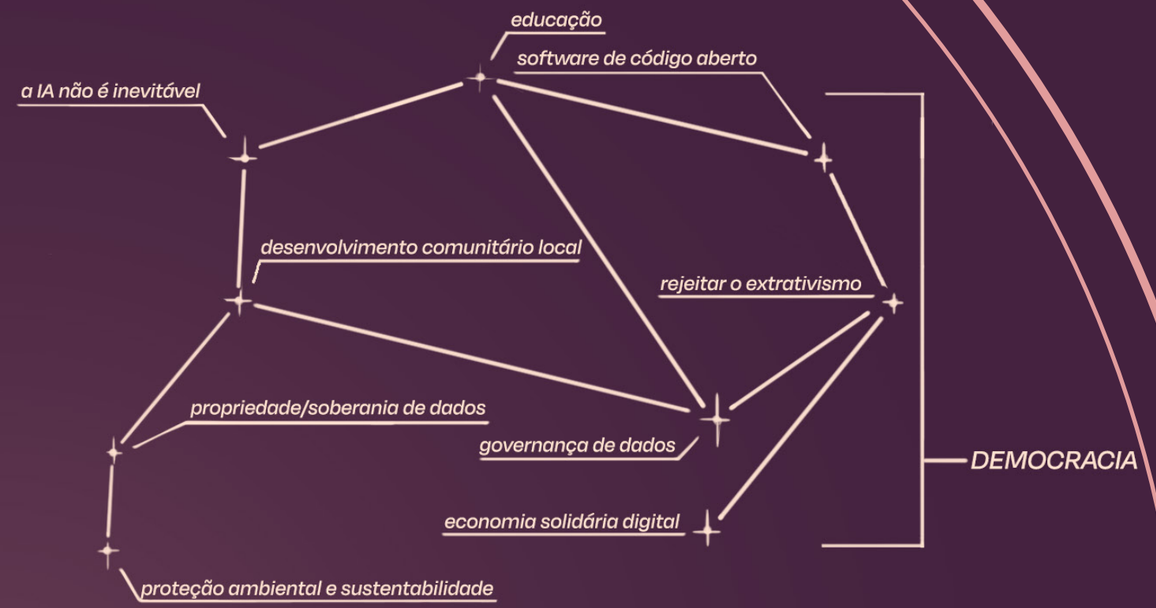
A última mesa-redonda tratou de como pesquisa, direito e organização podem ser combinados para exercer pressão sobre o terreno regulatório da economia digital. A mesa enfatizou que as conquistas mais duradouras para a classe trabalhadora não vêm apenas da incidência política de cima para baixo, mas da construção de instituições de conhecimento produzido pelas próprias pessoas trabalhadoras, que ampliem suas capacidades e desafiem o poder das big techs, inclusive no plano do discurso. A mesa destacou como fóruns de pessoas trabalhadoras e redes sociais, como canais no Discord, são espaços de governança de baixo para cima, onde as pessoas trabalhadoras produzem coletivamente normas, alertas e sistemas de responsabilização que as plataformas corporativas se recusam a oferecer. Na metodologia da enquete operária, como mostra o Data Workers' Inquiry, as pessoas trabalhadoras se tornam pesquisadoras comunitárias. No Brasil, campanhas públicas como a #direitosdeverdade, do Ministério Público do Trabalho, alcançaram mais de 15 milhões de pessoas, revelando o custo humano cotidiano das entregas por plataformas e expressando um trabalho de solidariedade entre diversos parceiros institucionais. A colaboração entre o MPT e o IBGE também produziu os primeiros dados oficiais do país sobre trabalho por plataformas.
A mesa também repensou a intercooperação como algo que se estende para além das cooperativas, chegando a universidades e instituições públicas. A campanha Hire a Co-op mostrou como o apoio institucional pode catalisar alternativas lideradas pela classe trabalhadora. Além disso, o ecossistema de cooperativas digitais de Barcelona, reconhecido por suas redes de economia social, federações de pessoas trabalhadoras e princípios feministas, mostrou que, quando a classe trabalhadora constrói infraestrutura autônoma, as políticas governamentais de apoio tendem a vir depois, e não o contrário.

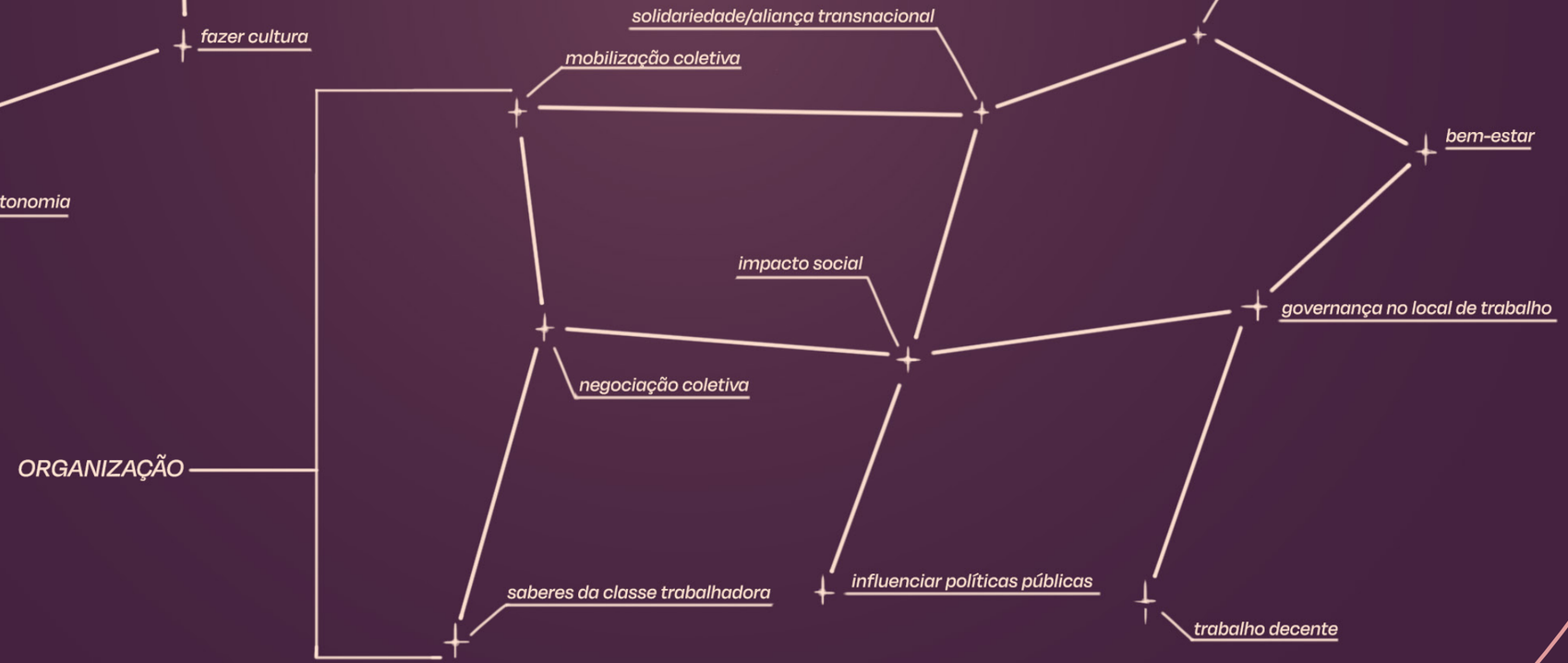
O futuro do trabalho não será escrito pelo Vale do Silício. Ele será moldado, disputado, negociado e reivindicado por uma constelação de pessoas trabalhadoras que se organizam de formas plurais ao redor do mundo.



CONSTELAÇÕES







RECURSOS

Produzimos uma série de vídeos durante o evento Workers Governing Technologies. Confira no YouTube ou no Instagram do DigiLabour.

As pessoas participantes do workshop compartilharam vários recursos, incluindo zines, sites e artigos. Você pode encontrá-los nesta pasta.

/digi labour









AÉ
ARTEesÉTICA

DA COMISSÃO ORGANIZADORA



Ashique Ali Thuppilikkat

"Os aprendizados do workshop reafirmaram a verdade duradoura do lema: a classe trabalhadora unida jamais será vencida. Os termos em que a tecnologia entra na vida de trabalho não passam sem contestação, ao contrário dos desejos e caprichos das big techs. O workshop mostrou que a resistência da classe trabalhadora não é um modo único de ação, mas um espectro de respostas possíveis, que vão de greves, marchas, campanhas públicas e ações judiciais até o desenvolvimento de tecnologias de propriedade das pessoas trabalhadoras. Construir o poder da classe trabalhadora é, fundamentalmente, um processo movido pela análise concreta da situação concreta, por pessoas trabalhadoras respondendo ao poder do capital com o poder da organização."



Julia Parke

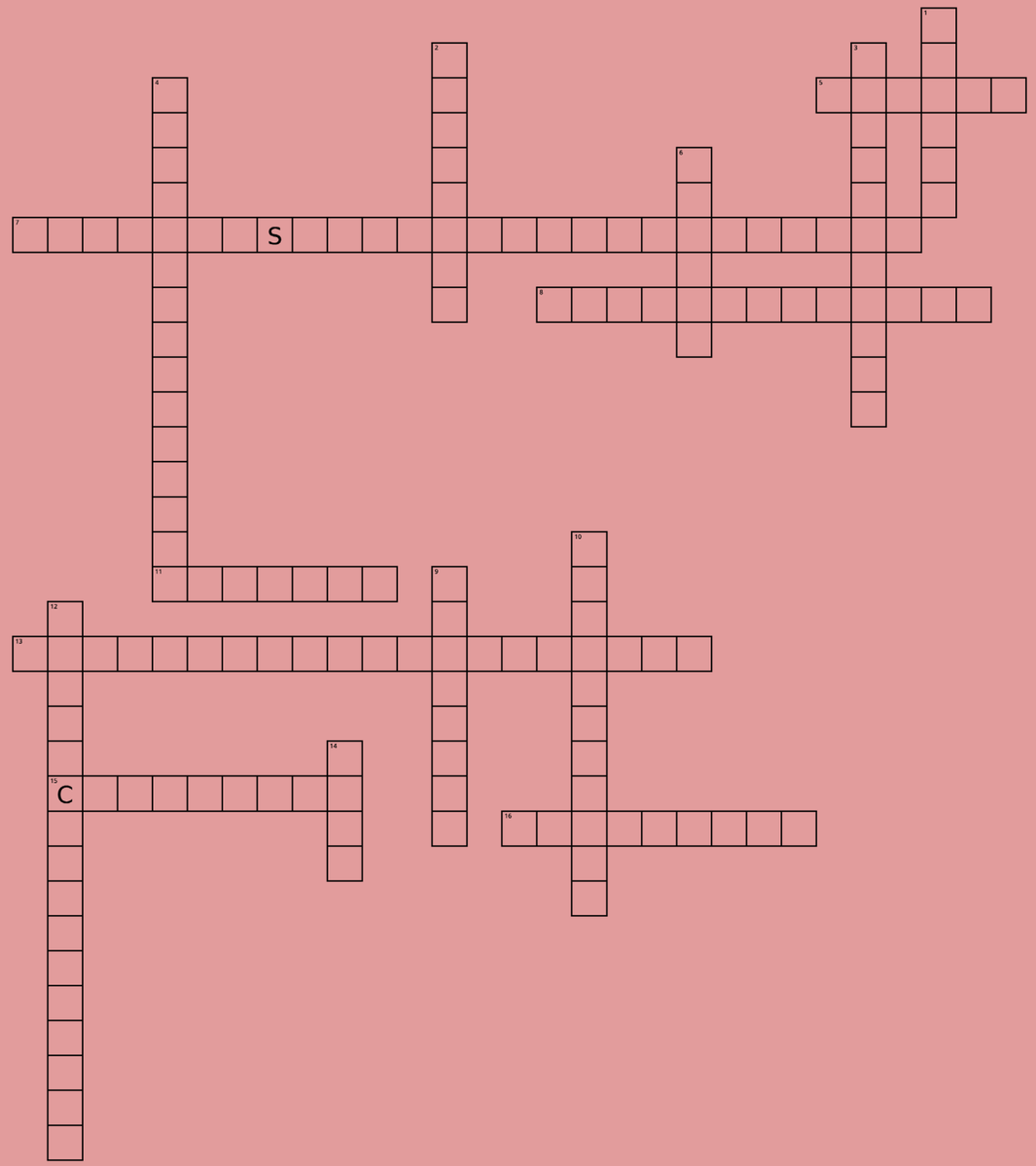
"O que mais ficou na minha memória do workshop Classe Trabalhadora Governando Tecnologias foram as reações autênticas e a sabedoria que as pessoas participantes compartilharam conosco ao longo do evento, com tanta generosidade e a partir de experiências de vida tão ricas. Foi um verdadeiro antídoto para a minha própria torre de marfim. O potencial emancipador das cooperativas, as diferentes formas de imaginar e pôr em prática a soberania digital e as experiências de pessoas trabalhadoras de dados se tornaram vívidas e concretas nas nossas refeições e conversas, na escuta ativa e na troca de histórias. Foi uma experiência de atrito muito bom, muito instigante e muito significativo."



Madison Mackley

"A governança cooperativa e as tecnologias coletivas exigem que repensemos as relações normativas com a escala, o lucro e a utilidade. O workshop Classe Trabalhadora Governando Tecnologias é uma prova de conceito de que um mundo melhor é possível, um mundo em que cooperação, criatividade e respeito não são apenas ideais, mas estão incorporados aos sistemas de trabalho e de tecnologia. A pluralidade de perspectivas compartilhadas durante o workshop, incluindo lições sobre organização, intervenções regulatórias, cuidado comunitário e dados públicos, oferece estratégias concretas para desmontar pressupostos capitalistas e construir futuros coletivos e sustentáveis."

CROSSWORD



PALAVRAS CRUZADAS

Atenção: as palavras cruzadas estão em inglês. As respostas devem ser escritas em inglês, para caber na grade original.

Horizontais

5) Em que indústria as pessoas trabalhadoras da Bethesda Studios se sindicalizaram em 2024, se filiaram à Communications Workers of America e conquistaram o reconhecimento da Microsoft?

7) Como são identificadas as diversas práticas, tecnologias e formas organizacionais que desafiam os modelos extrativistas da economia digital ao incorporar princípios de cooperação, ajuda mútua e propriedade compartilhada à governança de dados, às plataformas e à inteligência artificial? Dica: Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST).

8) A enquete operária (Workers' Inquiry) enfatiza uma abordagem _____, liderada pela classe trabalhadora, que coloca seus saberes no centro, estimula a autoexpressão e fortalece a capacidade de organização.

11) Cooperativa que está construindo um marketplace no estilo do Bandcamp, de propriedade e controle de artistas, selos, pessoas apoiadoras e pessoas trabalhadoras.

13) O que artistas buscam proteger quando a IA generativa usa seu trabalho sem permissão.

15) Federação de pessoas entregadoras ciclistas na Europa que desenvolveu uma plataforma de apoio a cooperativas de entrega por bicicleta de propriedade de quem nelas trabalha.

16) A Seize the Means of Production Video Coop é um exemplo de cooperativa de trabalho _____ que utiliza acordos coletivos para dar proteção adicional às pessoas cooperadas.

Verticais

1) O acordo que encerrou a greve de Hollywood de 2023 estabelece que a IA generativa não pode ser reconhecida como _____.

2) Ferramenta de comunicação usada pelo Setor de Tecnologia do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) na iniciativa "Contrate Quem Luta", no Brasil.

3) Infraestruturas que causam grave escassez de água em Colón, no México.

4) Licença flexível de direitos autorais que incentiva o acesso aberto a conteúdos criativos.

6) A Stocksy prioriza o valor humano em vez da busca pelo _____.

9) Licença (muitas vezes chamada de Peer Production License) que só permite que cooperativas ou organizações sem fins lucrativos usem o software, protegendo o trabalho coletivo da apropriação capitalista.

10) Coletivo sem fins lucrativos de profissionais da criação e artistas visuais independentes que discute o impacto da IA generativa na criatividade humana e os custos ecológicos dos data centers, atuante na Europa e na América Latina.

12) Princípio de solidariedade demonstrado pela Federação Argentina de Cooperativas de Trabalho de Tecnologia, Inovação e Conhecimento (FACTTIC) ao adaptar plataformas para uso local.

14) Esse tipo de cooperativismo enfatiza redes de sistemas locais, interoperáveis e frouxamente articulados.



Respostas, em inglês (de trás para frente):
1. retirW · 2. ppastahW · 3. sretneC ataD · 4. snommoC evitaerC · 5. gnimaG · 6. tiforP · 7. seimonocE ytiradiloS latigiD · 8. yrotapicitraP · 9. tfelypoC · 10. acite se etrA · 11. trevbuS · 12. noitarepooC retnI · 13. ytreporP lautcelletnI · 14. hseM · 15. elcyC pooC · 16. dezinoinU